



Pró-Reitoria de Graduação
Curso de Comunicação Social
Trabalho de Conclusão de Curso

ACESSIBILIDADE DE SURDO NA TELEVISÃO
Surdo assiste TV

Autor: Ana Lúcia Vieira dos Anjos
Orientador: Esp. Cynthia da Silva Rosa

Brasília - DF
2010

ANA LÚCIA VIEIRA DOS ANJOS

**ACESSIBILIDADE DE SURDOS NA TELEVISÃO
SURDO ASSISTE TV**

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda

Orientador: Cynthia da Silva Rosa

**Brasília
2010**

A todas as pessoas surdas, que vencendo preconceitos lutaram e ainda lutam pela realização de seus sonhos. Vocês são exemplos para mim.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pois minha fé me faz acreditar que sem ele sequer eu teria entrado nesta Universidade.

À minha família, toda minha gratidão por acreditarem em mim e entenderem minha ausência nesse período tão corrido.

Meu muito obrigado aos professores: Tuxi e Falk, de Libras, que com suas aulas me abriram os olhos para a realidade da comunidade surda; Ana Beatriz, minha primeira orientadora, que me ajudou na escolha inicial do tema; Sheila da Costa e Paulo Marcelo; pela colaboração, com suas dicas e depoimentos para o documentário.

Obrigada, querida orientadora Cynthia Rosa, pela atenção e por ter me ajudado a definir melhor meu tema e meu objeto de estudo.

Renata Tavares, por todas as dicas e indicações, que me foram extremamente úteis.

Obrigada, galera da banda Surdodum, pela colaboração e pelo carinho com que fui recebida por vocês.

Muito obrigada Edmarcius Novaes, pelas palavras de seu livro, que me foi muito útil; e por ter se disposto a gravar seu depoimento e me enviar, mesmo estando tão longe. Serei sempre grata.

Enfim, obrigada a todos os amigos, professores e familiares que, de alguma forma, colaboraram para a conclusão desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo chamar a atenção das pessoas sobre a questão da acessibilidade dos surdos na televisão, uma vez que essa problemática ainda é discutida timidamente. Percebe-se a urgência do tema a ser tratado de uma forma ampla e em vários os nichos da população. A televisão é um meio popular, presente em todas as classes sociais e considerada a grande mídia; portanto, deve ser acessível a todos. Os surdos também estão presentes em todas as classes sociais, sendo pessoas dotadas de necessidades singulares no que tem a ver com a comunicação. Por esse motivo devem ter essa singularidade respeitada e atendida com qualidade, pois as ferramentas de acessibilidade existem, mas ainda contém falhas que podem ser consertadas facilmente se for dado aos surdos o direito de manifestar seu ponto de vista.

Palavras-chave: Acessibilidade. Surdos. Televisão.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
1. DEFICIÊNCIA	09
1.1 O QUE SIGNIFICA?	09
1.2 DEFICIÊNCIA NO BRASIL	10
1.3 SURDOS	11
2. TELEVISÃO	13
2.1 O INÍCIO	14
2.2 PEQUENO HISTÓRICO DA TV NO BRASIL	14
2.3 TELEVISÃO POR ASSINATURA	15
2.4 TV DIGITAL	17
2.5 QUAL SISTEMA DE TELEVISÃO PARA ACESSIBILIDADE?	18
3. O QUE É ACESSIBILIDADE?	20
3.1 E COMO ANDA A ACESSIBILIDADE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO?	23
3.2 O ACESSO DOS SURDOS NA TV	24
4. MINHAS MEMÓRIAS	27
ENTÃO	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	35

APRESENTAÇÃO

Esse projeto tem como objetivo trazer à reflexão o tema da acessibilidade do surdo na televisão. Para isso, será produzido um vídeo em formato documentário, com o qual pretendemos colocar em debate a questão, ainda pouco percebida pela sociedade, apesar da atualidade e urgência do tema. O vídeo será uma montagem de diversas imagens, algumas feitas com câmeras caseiras. Será algo tecnicamente simples, onde nossa preocupação maior é o conteúdo, que, tratando do tema da acessibilidade, deve se preocupar em ser igualmente acessível. Uma vez pronto e avaliado, será disponibilizado na internet através do *Youtube*.

Veremos nesse memorial, algumas informações essenciais para a compreensão do assunto e para a produção do vídeo, afinal para falar de um assunto precisamos antes entendê-lo.

“Acessibilidade significa dar acesso a mais pessoas - e as marcas não podem deixar passar a oportunidade de projetar informação, transporte, serviços ou produtos da melhor forma possível.” (Rabello, 2009). Quando falamos em acessibilidade, muitas vezes as pessoas confundem com boa ação. Projetos de acessibilidade são vistos por alguns como caridade para os menos favorecidos, como se esses não tivessem direito ao acesso. Mas devemos observar que a acessibilidade não é um favor, mas sim uma forma de atingir um público que também se informa. São pessoas que, têm vida ativa, trabalham se comunicam e consomem; assim como qualquer outra pessoa, elas compram roupas, móveis, automóveis. Mais um motivo para as agências de publicidade e os anunciantes se adaptarem a essas pessoas.

Se antes as empresas e agências publicitárias investiam na causa da acessibilidade como se fosse um investimento em marketing social ou patrocínio a causas beneficentes, está na hora de mudar o nome desse investimento, a acessibilidade não vai somente servir para mostrar a empresa como correta socialmente, vamos ser realistas. Acessibilidade pode também gerar lucros, não porque vai fazer a empresa ser vista com bons olhos pelos consumidores, mas por tornar as informações disponíveis aos surdos, que, como já disse anteriormente, é uma população economicamente ativa. Temos ciência de que tornar esse meio acessível traz gastos aos produtores e empresários, porém o retorno virá a longo prazo. E mais que a busca de um novo público, tornar os meios de comunicação acessíveis, é permitir que o direito de igualdade seja cumprido, somos todos cidadãos e da mesma forma que queremos nossos direitos cumpridos, devemos também nos preocupar em fazer-se cumprir o direito do próximo.

Infelizmente ainda hoje temos pessoas de todas as classes sociais que excluem aqueles que têm uma mínima limitação. Talvez, por esse motivo o óbvio ainda não tenha sido notado. Os surdos, na cabeça dos que deixam se levar pelo preconceito são pessoas que só recebem, que são incapazes de produzir para o país, talvez ainda se pense que pessoas com deficiência não sejam clientes nem telespectadores em potencial. Se realmente esse for o motivo do pouco investimento em comunicação para essas pessoas, sentimos informar que essas empresas estão perdendo espaço na fatia de mercado. Quem já percebeu o potencial dessas pessoas como consumidores saiu à frente como empresa socialmente correta e também aos poucos com lucros financeiros, pois descobriram um público-alvo tão capaz como as pessoas ditas normais da classe A.

Talvez alguns não concordem quando falamos em lucros e vendas junto com acessibilidade, mas deixemos de idealizar o mundo fantasioso e vamos para a realidade, que é essa mesmo. A acessibilidade faz não apenas que seja cumprido o direito à informação, ela também concede benefícios ao outro lado, que é o aumento do público-alvo de produtos. Percebemos isso em marcas que já aderiram a essa realidade; se formos fazer uma pesquisa com os surdos, iremos perceber que eles preferem aqueles produtos que utilizam uma linguagem entendida por eles. Talvez não pelo produto ser melhor, mas pelo fato de esse produto ter ido falar diretamente com essas pessoas, elas não precisaram de terceiros para falar que tal produto era bom, era o melhor. Simplesmente foram valorizadas como consumidoras e tiveram uma comunicação direta.

Cabe-nos a conscientização de que, quando a Constituição Federal fala em direitos iguais aos cidadãos, também se tem por direito o consumo, sim, afinal somos uma sociedade capitalista. Não queremos aqui pregar ou incentivar o consumo desenfreado, queremos apenas trazer a reflexão de que assim como a informação, consumir também é um direito. Afinal de contas, se podemos ir e vir, ter uma vida digna, trabalho, o consumo é uma consequência disso. Sendo assim todos devem ter esse direito de escolha, ter acesso à informação plena dos produtos e serviços, e como já disse em outro momento, direito de decidir o que quer para si. Com a limitação de acessibilidade à televisão, que é um dos meios mais populares e onde se vê o maior número de propaganda e marketing de produtos e serviços, acabamos por excluir essas, limitando-as em receber as diferentes informações do que é anunciado, impedindo-as assim de escolher o que julga melhor pra si. Afinal esse também é um direito do cidadão brasileiro.

Mais uma vez ressaltamos que o objetivo deste projeto é tão somente a reflexão da questão da acessibilidade dos surdos na televisão nos programas de um modo geral, sejam

eles de informação, publicidade ou entretenimento. Teremos a opinião de várias partes envolvidas na questão.

No capítulo 1, apresentamos o conceito de deficiência, o que é, alguns tipos, números no país; também definimos neste capítulo a surdez, que é o objeto do nosso trabalho.

No capítulo 2, trazemos um breve histórico da televisão e seus diversos tipos.

Já no capítulo 3, tratamos da acessibilidade propriamente dita, relacionando a surdez e a televisão. É então definida a acessibilidade e nesse momento falamos das ferramentas de acessibilidade que já existem, das falhas e das vantagens que trazem ao público surdo.

1. DEFICIÊNCIA

500 milhões de pessoas. Esse é o número de pessoas com algum tipo de deficiência no mundo, segundo a ONU (*apud* Neri, 2003, p.1), sendo que 80% dessas pessoas vivem em países em desenvolvimento. É um número bastante expressivo e por isso nos últimos anos muito tem se discutido sobre a inserção dessas pessoas na sociedade. Mas nem sempre foi assim.

Por muito tempo, pessoas com alguma limitação eram trancafiadas em casa, vegetando a espera da morte. Segundo Gugel (2007) na Roma antiga, por exemplo, os pais que tinham suas crianças nascidas com alguma imperfeição eram autorizados a matarem seus filhos por prática do afogamento. A mesma autora comenta que os famosos bobos da corte da Idade Média eram pessoas surdas ou com deficiência mental.

Mas ao passar do tempo, a história foi mudando e hoje muitas organizações se preocupam em fazer com que essas pessoas tenham seus direitos respeitados. Não podemos dizer que a situação atual dessas pessoas é perfeita, ainda há muita falha em todo o mundo e muito que fazer. São barreiras arquitetônicas, sociais, educacionais, uma infinidade de problemas a serem vencidos. Mas o primeiro passo já foi dado, que é trazer esse tema à sociedade.

1.1 O que significa?

Mas o que significa a palavra deficiência? Afinal muito se fala, mas pouco se sabe sobre sua definição. Vejamos algumas.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (*apud* Neri, 2003, p.7), a palavra deficiência é usada para definir a disfunção ou ausência de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica. Já a Convenção de Guatemala, tem um conceito maior do termo: “restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social.” (*idem*)

E como se chama a pessoa que tem essa limitação?

Existem diversas terminologias para falar dessas pessoas, discute-se muito sobre qual é o certo. Fala-se portador de necessidades especiais, portador de deficiência, pessoas com deficiências e inúmeras terminologias até mesmo preconceituosas. Segundo Novaes (2010,

p.36) dizer que alguém é portador de deficiência é dizer que o mesmo porta essa limitação como qualquer objeto, podendo deixá-lo quando desejar. Já o termo necessidades especiais, abrange outras pessoas, como gestantes, idosos, pessoas com limitações momentâneas, enfim, muito além da questão da deficiência.

A terminologia aceita como correta atualmente é pessoa com deficiência, pois a mesma possui essa limitação. Existe a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006 e que conta com a adesão de mais de 80 países. Como se pode observar, já no próprio título utiliza-se a terminologia “pessoa com deficiência”, reafirmando assim essa definição. Logo, ao falarmos desse grupo de pessoas devemos nos referir a pessoas com deficiência, entendendo, assim, que deficiência refere-se a uma limitação específica, física ou mental, sendo que essa limitação não torna a pessoa incapaz de se utilizar de outras partes e funcionalidades de seu corpo e mente.

1.2 Deficiências no Brasil

Segundo o censo de 2000, no Brasil existem 24,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que equivale a 14,5% da população de nosso país. O mesmo relatório divide o grupo de pessoas com deficiência da seguinte forma (*apud* Neri, 2003, p.14):

- Deficiência mental – 11,5%;
- Tetraplegia, paraplegia ou hemiplegia - 0,44%;
- Incapaz de caminhar - 2,3%;
- Alguma dificuldade de caminhar - 22,7%;
- Falta de um membro ou falta dele - 5,32%;
- Alguma dificuldade de enxergar - 57,16%;
- Alguma dificuldade de ouvir - 19%;
- Grande dificuldade de enxergar, ouvir, caminhar, incapaz de ouvir - 0,68%;
- Incapaz de enxergar - 0,6%.

É importante comentarmos que os números da pesquisa se referem as deficiências, sendo que se uma pessoa afirmou possuir mais de uma limitação, a mesma foi contada mais vezes. Por esse motivo o total da somatória vai além dos 100%.

1.3 Surdos

De acordo com o censo de 2000 (IBGE, 2010), existem no Brasil cerca de 170 mil surdos e mais de 900 mil pessoas com grande dificuldade de ouvir. É um número bastante expressivo para ser ignorado. No Distrito Federal esse grupo representa 3,5% da população, segundo a Feneis. (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, 2010)

A surdez pode ser dividida em quatro níveis, leve, moderada, acentuada e profunda. A primeira é quando se tem alguma dificuldade de ouvir, mas isso não interfere na fala; um exemplo são os idosos, que devido á idade passam a ouvir pouco. A segunda pode interferir na fala e na linguagem, pois a fala não é percebida em ambientes com ruídos, mas não impede que o indivíduo desenvolva a fala. A terceira é quando o indivíduo tem grande dificuldade de ouvir e isso torna muito difícil a aquisição da fala de forma espontânea. Neste caso pode se necessitar do uso de aparelho auditivo. No quarto nível a pessoa só percebe sons intensos, como trovões, bombas e afins; neste caso necessita do uso de aparelho e dificilmente o indivíduo adquirirá a fala. (Novaes, 2010, p. 45 a 46)

(...) surdo é aquele com o qual as pessoas que não ouvem referem-se a si mesmo e a seus pares. Uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nessa diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem. (Sá, 2002, p. 48-49)

Essa definição é bastante interessante, pois já nos faz perceber que os surdos não são simplesmente pessoas com deficiência auditiva, são mais que isso, trata-se de uma comunidade, com língua e cultura própria. Temos vários exemplos de grupos de surdos. No Distrito Federal, podemos citar o Surdodum, grupo musical de percussão no qual os integrantes são pessoas surdas; há também grupos que se encontram toda semana para jogar futebol. Enfim são inúmeros exemplos de como essa comunidade é unida e organizada, constituindo um exemplo para a sociedade.

No Brasil atualmente o surdo utiliza-se de uma língua especial, chamada Libras (língua brasileira de sinais). É a primeira língua dos surdos, chamada língua natural, ou seja, aquela que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que é transmitida de geração em geração e, assim como o Português, tem regras próprias (Sá, 2002,

p.108). Por esse fato, muitos surdos não entendem ou escrevem o português perfeitamente, pois assim como o inglês apresenta dificuldades para um brasileiro que não conhece o idioma, assim também é o português para os surdos e por mais que estudem em português, não é a língua oficial dos mesmos. Vale ressaltar que alguns surdos não conhecem bem a libras. Isso se deve a diversos motivos, entre os quais um dos que mais se destaca é o fato de não terem conhecido a língua por terem sido “educados” em casa, com uma forma pessoal e familiar de se comunicar, o que os torna até mais distantes de comunidades de surdos.

Os surdos não têm acesso ao rádio e pouco aproveitam dos meios audiovisuais, pois ficam limitados a ver o que se passa. Por exemplo, não compreendem o que dizem os personagens de uma novela, sendo que, nós sabemos que muitas ações, emoções de cenas, são transmitidos através do som, já que som e imagem se complementam. Sem o som, perde-se boa parte do entendimento do que se passa. São pessoas completamente capazes de ter uma vida dita normal dentro dos parâmetros da sociedade, pois estudam, se formam, trabalham, vão a bares, clubes, enfim possuem vida social ativa e têm todo o direito de ter acesso aos meios de comunicação, tanto como forma de diversão como também de informação.

2. TELEVISÃO

Segundo Mc Luhan, o meio é a mensagem. Sendo assim, a TV não condiciona o que se informa, mas sim como se informa. Ela é tida como extensão de todos os sentidos do ser humano. “A forma em mosaico da TV exige a participação e o envolvimento em profundidade de todo o ser”. (McLuhan, 1972, p.103)

Em seu livro *Os meios de Comunicação como extensão do homem*, ele classifica a televisão como um meio frio. Os meios frios exigem resposta do telespectador, são abertos a interpretações, fazem o telespectador se envolver para compreender os acontecimentos. Já como oposição coloca o rádio como meio quente, que não exige tanta atenção do telespectador, pois aguça apenas a audição, liberando os ouvintes para executarem diversas tarefas enquanto ouvem o rádio. Isso não seria possível em relação à TV, segundo Mc Luhan, pois ela exige atenção total. Porém nos dias atuais, essa afirmação já não é totalmente absoluta. A televisão continua exigindo atenção, porém, percebemos que ela é utilizada em meio a outras atividades; por exemplo, há pessoas que comem enquanto assistem e crianças que fazem o dever de casa vendo seu desenho favorito.

A televisão faz parte da vida do brasileiro de todas as camadas da população. É incrível como esse objeto se faz presente. Nas classes altas normalmente se tem um televisor em cada cômodo da casa; mas até nas classes menos favorecidas, mesmo em barracos de tábuas, a televisão também está presente. As pessoas têm nesse aparelho a diversão, a informação, os sonhos, enfim, uma infinidade de coisas que querem ter ali ao seu alcance na tela da TV.

Muito se fala do poder da televisão sobre os telespectadores, alguns afirmam sistematicamente, que ela é um verdadeiro monstro destruidor de lares, mau exemplo para as crianças, enfim um grande mal à vida das pessoas. Já outros dizem que a televisão não é nada mais que uma diversão, algo que fornece descanso para os trabalhadores, que chegam em casa e têm ali na sala uma fonte de diversão que não cansa e não estressa. Não vamos aqui tomar partido de nenhuma das opiniões. O que cabe é percebermos que, sendo vista com bons ou maus olhos, a televisão está presente na vida de todos, mesmo daqueles que dizem não assistir por se tratar de um meio de alienação ou algo do tipo. No mínimo, acredito, essas pessoas que criticam assistem televisão exatamente para fazer suas críticas.

2.1 O início

Segundo Doria (1999), a tevê aberta tem seu início em 1883, quando Paul Nipkow inventa em Berlim o telescópio elétrico. Nipkow tem a idéia da varredura da imagem como meio de decompô-la, codificá-la em impulsos elétricos, tornando a transmissão possível. Em 1923 o inventor escocês, John I. Baird transmite silhuetas; E em 1926 faz uma apresentação pública do seu invento. Em 1928 a AT&T, os laboratórios Bell e a RCA montam equipes de tevê com o objetivo de desenvolver a tecnologia da televisão e inseri-la no mercado. São feitas as primeiras transmissões comerciais em 1928, quando a emissora WGY transmite uma peça de teatro para alguns na cidade de Nova York. Outras transmissões foram feitas na Alemanha, na abertura das olimpíadas de 1936, e logo mais na Inglaterra, na coroação do rei inglês George VI. Já em 1939 é transmitida a abertura da Feira Mundial de Nova York pela RCA e em 1º de julho de 1941, a Federal Communications Commission (FCC) autoriza o início das transmissões de tevês pagas por patrocinadores. É o marco inicial da TV aberta como meio de comunicação de massa.

2.2 Pequeno histórico da TV no Brasil

A televisão chegou ao Brasil em 1950, segundo Caparelli e Lima (2004) foi trazida por Assis Chateaubriand, um dos maiores empresários do ramo da comunicação do país. A primeira emissora foi a TV Tupi-Difusora, de São Paulo. Quando a emissora entrou no ar, existiam algumas centenas de aparelhos espalhados no país entre as pessoas de classe alta, sendo que os aparelhos foram cedidos pelo dono da emissora.

Até 1959 a televisão era privilégio apenas do eixo Rio-São Paulo. A partir de então se expandiu por outros estados litorâneos e só depois chegou ao interior do país. Talvez possa se explicar essa exclusão do interior pelo fato do início da TV ter sido mantido por patrocínios. Empresas de grande porte produziam seus programas com os comerciais já inclusos e os vendiam para as emissoras. A segunda emissora, tevê Paulista surgiu em 1955 e teve como característica o fato de transportar os programas humorísticos do rádio para a telinha.

Em 1958, segundo Herscovici (apud Caparelli e Lima, 2004) a televisão possuía somente 8% das verbas publicitárias; dez anos depois a verba passou para 42%. Esses números são consequência do valor inicial do aparelho de tevê, que era seis vezes maior que o salário mínimo de um trabalhador. Sendo assim, a publicidade não via lucro em anunciar

apenas para a população da elite. Essa mudança começou a ocorrer lentamente no início da década de 60, quando a televisão começou a ser popularizada e atingir a todas as classes.

Não podemos falar da história da televisão brasileira sem falar na TV Globo, que foi ao ar pela primeira vez em 26 de abril de 1965. Mas antes disso, em meados de 1962, já causou polêmica no país por ter assinado parceria com a empresa estrangeira *Time Life* (inicialmente registrada como empresa de marketing). O problema dessa parceria, segundo seus críticos, era o fato de que a lei brasileira naquela época proibia empresas e pessoas estrangeiras de terem qualquer tipo de participação nas empresas brasileiras de comunicação, sendo que a *Time Life* teria 30% dos lucros aferidos pela Rede Globo. O contrato foi descoberto assim que a televisão entrou no ar e a Rede Globo foi condenada pela lei brasileira. Segundo a Rede Globo o acordo nada mais foi que um contrato de prestação de serviços na área técnica.

Em 1970 já existiam cerca de 70 emissoras e em 1972 foi inaugurada a TV em cores. Na década de 80, a TV Tupi é extinta depois de 30 anos de existência. E no fim dessa mesma década, o censo nacional constatou que 64% das residências brasileiras estavam equipadas com aparelhos televisores, totalizando 64 milhões de aparelhos no país. (Magia Comunicações, 2009) Na década de 90, mais precisamente em 1995, 81% dos 39 milhões de lares brasileiros possuíam televisão. Nessa mesma década, surgiu a TV a cabo, trazendo uma nova forma de ver TV. (Meio e Mensagem, 2009)

Já no século 21, em meados de 2007 surge a TV digital no Brasil, trazendo uma nova era e uma nova maneira de se definir a TV. Antes porém, no final do século XX, chegou a internet fazendo concorrência à TV, pois rapidamente ganhou espaço na vida dos brasileiros. E hoje, pelo menos entre os jovens, não se vê mais TV como antes, a mesma está dividindo seu espaço com o computador. A televisão, contudo, continua sendo o meio mais popular.

2.3 Televisão por assinatura

A televisão paga se difere do canal aberto pela sua qualidade na imagem e a forma de transmissão, que pode ser a cabo onde se utiliza de cabos subterrâneos até a casa do assinante e também via satélite onde o usuário precisa de um aparelho para receber o sinal. Além de diferenças técnicas a TV por assinatura possui canais segmentados, ou seja, canais apenas de filmes, outros de desenhos, enfim. Além de possuir um número maior de canais que a TV aberta.

Segundo Duarte (1996), a TV paga tem o início de sua história ainda na década de 50, quando a empresa de TV Zenith elaborou formas de “vender” seus programas, foram criados 3 sistemas codificados, o pagamento se dava em um aparelho junto do próprio televisor, onde eram colocadas fichas. Porém esses testes receberam muitas críticas, questionava-se o fato de ter que pagar por um serviço que utiliza o ar, que não é pago. Em 1968 a justiça americana autorizou o serviço de TV a cabo paga. No Brasil, a TV por assinatura chegou apenas em 1988. É um meio segmentado que por muito tempo atingia apenas as classes mais altas da população, hoje em dia tem se tornado mais fácil ter acesso a esse tipo de TV devido às facilidades que as operadoras têm dado. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (*apud* Deluca, 2010) 7.623.389 de lares tem acesso ao serviço no Brasil. Em relação ao mercado anunciante é um bom meio, por ter um público bem segmentado, apesar de relativamente pequeno.

Abaixo temos um gráfico retirado do site Uol, que traça o perfil dos usuários do serviço.

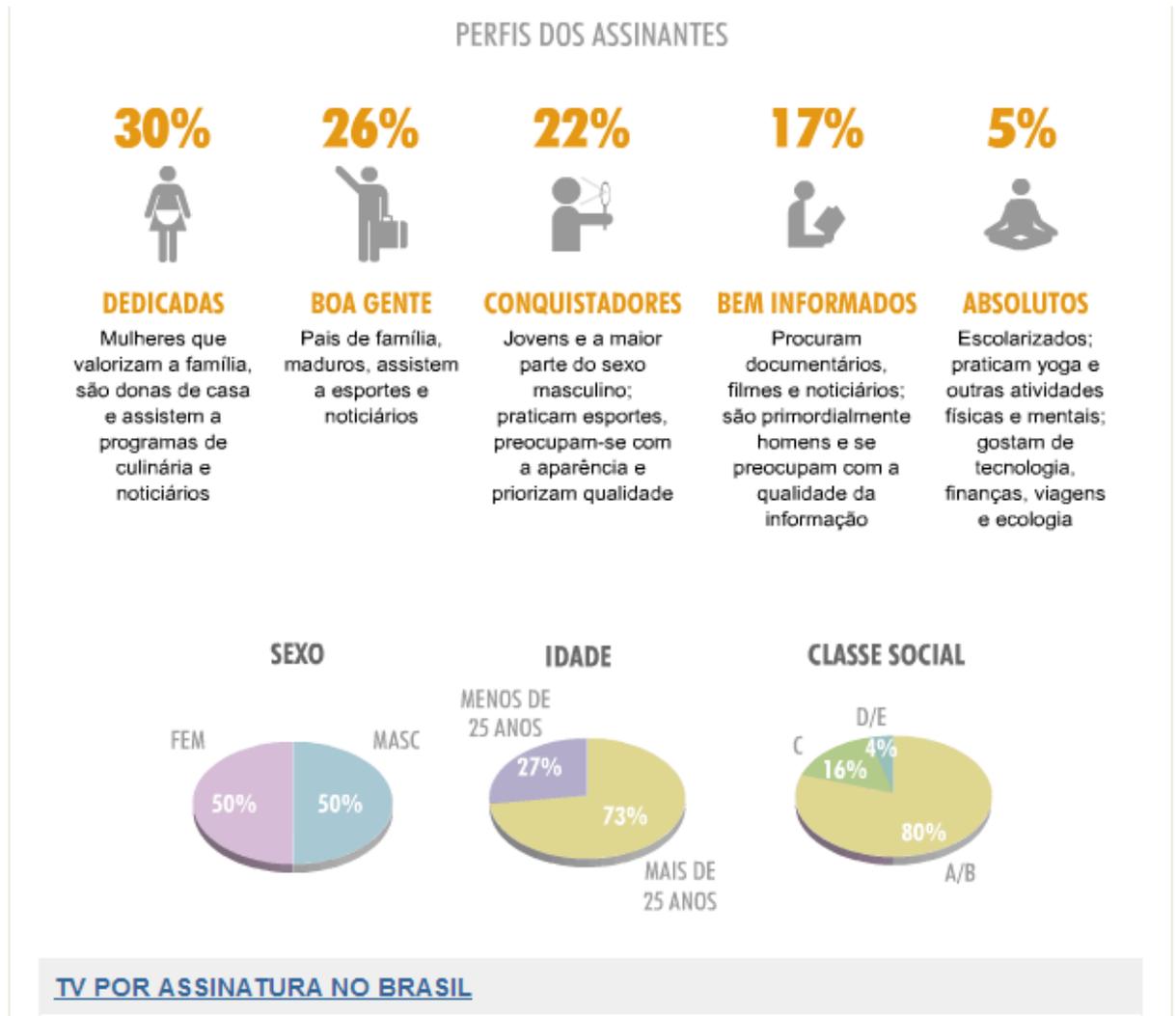


Figura 1. Fonte: Uol, 2009

2.4 TV Digital

Surge aí uma nova televisão, a grande diferença está na forma em que ocorre a transmissão. Enquanto na TV analógica o sinal é enviado por meio de ondas eletromagnéticas contínuas, o que a torna passível de todo tipo de interferência, na TV digital o sinal é transmitido por pacotes de *bits*. Isso faz com que a TV digital tenha a tão falada alta definição de imagem e melhoria no som. Outra diferença é a interatividade, em que será possível fazer compras, intervir na programação através da própria TV, não será mais preciso utilizar outros meios para se contatar a emissora. Pode-se também, a partir dessa nova tecnologia, ter acesso a TV através de aparelhos móveis como celulares MP4 e outros periféricos eletrônicos, mantendo a qualidade do serviço em qualquer ambiente e até mesmo em movimento.

A história da TV digital tem início ainda na década de 80, quando pesquisadores japoneses iniciam estudos para desenvolver um aparelho de alta definição. Porém a TV digital aberta só entra no ar oficialmente no fim da década de 90 nos Estados Unidos e na Europa.

Já no Brasil o início das transmissões se dá em 02/12/2007 em alguns estados, sendo que se espera ter atingido todo o país com a nova tecnologia até 2016, quando está previsto o fim do sistema analógico. Porém cabe-nos ressaltar que, não se pode ainda afirmar que a TV digital está plenamente instalada no país, pois as transmissões ainda possuem falhas imensas, mesmo com os aparelhos necessários ainda não ocorre a transmissão da forma que é definida a televisão digital. Sabemos que esse novo tipo de TV levará tempo para ser totalmente disponível, pois exigem muitos testes e estudos para se definir a melhor forma de disponibilizar com total qualidade aos usuários

2.5 Qual sistema de televisão para a acessibilidade?

Como percebemos, a televisão é dividida em vários tipos de sistema, porém nos ateremos a tratar o assunto da acessibilidade na televisão aberta, a qual está disponível a todos que possuem o aparelho televisor sem a necessidade de pagar por isso e nem de adquirir equipamentos especiais.

O advogado Ericson Meister (2008), nos dá uma definição bastante clara em relação ao termo amplo de televisão:

É a atividade de emissão, transmissão e recepção de uma seqüência ordenada de sons e imagens que configura um programa vinculado à programação de conteúdo audiovisual, realizada por redes de difusão, destinada ao público em geral ou a determinada categoria de público (ex: assinantes), com a possibilidade de pagamento ou não, independentemente da tecnologia adotada. Trata-se de um conceito amplo que abrange a tradicional televisão aberta e a televisão por assinatura. Nesse sentido, todos os meios técnicos de difusão do sinal de televisão estão incluídos nesse conceito amplo. Assim, os serviços de televisão por radiodifusão, a cabo, por satélite, MMDS, internet, pertencem à noção ampla.

Segundo essa definição, a televisão é tudo aquilo que envolve imagem e sons e é exibido por uma empresa de difusão em meio a uma cadeia de programação, em qualquer meio técnico que permite a divulgação dos sons e imagens. “Em sentido restrito, o conceito

de televisão limita-se à tradicional televisão por radiodifusão” (idem). E é essa a definição de televisão à qual estamos nos referindo neste memorial, à televisão aberta, na qual, para ter acesso a sua programação o público precisa apenas do aparelho televisor

Portanto, a partir de agora toda vez que falarmos de televisão sem especificar, entendam que estamos nos referindo à televisão aberta de radiodifusão.

3. O QUE É ACESSIBILIDADE?

Segundo o dicionário Aurélio, acessibilidade significa: qualidade de ser acessível; facilidade na aproximação, no trato ou na obtenção. Logo, trabalhar a acessibilidade é tornar as coisas, sejam elas quais forem de fácil contato, fácil manuseio para as pessoas de um modo geral. Existem diversas definições para a acessibilidade, citaremos apenas algumas que achamos pertinente ao trabalho.

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, lei da acessibilidade, número 10,098 artigo 2 de 19 do 12 de 2000)

Essa definição da lei 10.098 nos esclarece que a acessibilidade se estende a todas as pessoas sejam elas pessoas com deficiência ou pessoas que estejam momentaneamente com alguma limitação, por exemplo, uma mulher grávida. Também nos leva a entender que, para algo ser acessível precisa permitir que as pessoas possam utilizar sem necessidade de ajuda e com a segurança garantida.

Representa para o nosso usuário não só o direito de acessar a rede de informações, mas também o direito de eliminação de barreiras arquitetônicas, de disponibilidade de comunicação, de acesso físico, de equipamentos e programas adequados, de conteúdo e apresentação da informação em formatos alternativos. (Grupo Acessibilidade Brasil, 2009)

Essa definição já é dada mais precisamente no âmbito da internet, mesmo não se tratando da proposta do nosso trabalho, achamos importante, pois quando o grupo acessibilidade Brasil fala do direito ao acesso, vai além dizendo que não basta apenas o acesso a informação, mas também a acessibilidade física para que essas pessoas cheguem ao meio de comunicação com facilidade.

Acessibilidade significa não apenas permitir que pessoas com deficiências participem de atividades que incluem o uso de produtos, serviços e informação, mas

a inclusão e extensão do uso destes por todas as parcelas presentes em uma determinada população. (Wikipedia, 2009)

Inclusão e extensão de uso para toda parcela da população, nos leva a refletir mais uma vez sobre o fato de que a acessibilidade para ser tida com tal, deve permitir o acesso dos meios físicos, intelectuais e afins a toda a população sem restrição. Isso nos faz perceber o quanto a questão é complexa, pois não adianta tornar algo acessível às pessoas com deficiência, deixando outras pessoas sem o acesso.

Romeu Sasaki (2006), assistente social e consultor de inclusão, diz que existem seis formas de acessibilidade. São elas a acessibilidade arquitetônica, a acessibilidade comunicacional, a acessibilidade metodológica, a acessibilidade instrumental e a acessibilidade programática. Vejamos a definição de cada uma:

- **Acessibilidade arquitetônica** - quando se retiram as barreiras físicas dos ambientes, em lugares como ônibus e prédios nos espaços urbanos. Essa acessibilidade permite o acesso a esses ambientes por pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida;
- **Acessibilidade comunicacional** - trata do acesso pleno à comunicação interpessoal com o uso, por exemplo, da língua libras para os surdos, o braile para os cegos e a acessibilidade aos meios audiovisuais de todas essas pessoas com suas deficiências;
- **Acessibilidade metodológica** - tornar os métodos e técnicas de estudo, trabalho e diversão alcançáveis às pessoas que possuem deficiência;
- **Acessibilidade instrumental** - tornar adaptáveis a todos instrumentos utilizados no dia a dia;
- **Acessibilidade programática** - criação de leis, regras e normas que facilitem a vida dessas pessoas e principalmente, fazer cumprir tais regulamentações;
- **Acessibilidade atitudinal** - refere-se a quebra de estereótipos e preconceitos em relação a essas pessoas que possuem algum tipo de deficiência.

O artigo 5º da Constituição Brasileira diz que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade, nos termos seguintes”. Esse pequeno trecho da Constituição já nos deixa ciente da

necessidade de promover os mesmos direitos e a igualdade entre os cidadãos, logo, a luta por essa acessibilidade que tanto falamos não é nada mais que a luta por um direito do cidadão.

Por muito tempo a noção de acessibilidade se reduzia ao fato de tornar locais públicos acessíveis aos deficientes físicos. Porém hoje, através das definições citadas, percebemos que acessibilidade abrange muito mais que isso. Não basta garantir o direito de ir e vir, é preciso o direito à educação, cultura, diversão e informação. Segundo as definições, também notamos que tornar algo acessível significa colocar esse algo ao dispor de todas as parcelas da população, ou seja, independente de nossas diferenças ou limitações, a acessibilidade diz que temos o direito de ter acesso ao mesmo produto.

Essas definições de acessibilidade nos levam a questionar se isso realmente é possível na prática. Afinal, como atender todas as pessoas ao mesmo tempo? Isso não seria utópico? Essa generalização talvez seja um problema, pois nesse ponto a tão sonhada acessibilidade, o Desenho Universal, fica sem foco, pois trata-se de uma forma de conceber produtos utilizáveis por todas as pessoas, independente de suas diferenças. Steinfeld (*apud* Sasaki, 2006, p. 146) diz que o desenho universal “não é uma tecnologia apenas aos que dele necessitam; é para todas as pessoas. A idéia do desenho universal é evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiência, no sentido de assegurar que todos possam utilizar todos os componentes do ambiente e de todos os produtos.”

Não é nossa intenção desmotivar essa idealização de direitos iguais, ou mesmo criticar uma luta tão importante como a luta pela acessibilidade. Queremos apenas questionar se é possível colocar em prática essa idéia de acessibilidade generalizada. É interessante rever esse conceito. Sabemos e concordamos que todos têm direitos iguais, mas também sabemos que as pessoas são diferentes e devem ser tratadas com suas peculiaridades. Duarte (2010, p. 33) nos diz que para que a lei da igualdade seja cumprida é necessário que “as desigualdades sejam consideradas, concretizando assim um tratamento desigual para essas desigualdades” existentes. Por isso nosso questionamento: como tornar um local, uma informação ou qualquer outra coisa, acessível em um único momento para as pessoas com deficiências físicas, mentais ou com simples limitações momentâneas oferecendo a elas o tratamento igual? Seria isso possível?

Independente da resposta ao parágrafo acima, percebemos que há uma mobilização da sociedade em prol dessa igualdade a todos. Existem ONGs, associações e afins preocupados com os idosos, com os direitos das crianças e a inclusão das pessoas com deficiência; a luta está só começando, mas já temos muitos soldados combatendo por essas pessoas. A sociedade está despertando e percebendo que limitações não devem ser motivo para excluir as pessoas

da vida diária. Limitação significa apenas uma dificuldade em uma área pontual, sendo que as pessoas não se tornam incapazes de desenvolver outras atividades, que exijam, por exemplo, de um cadeirante, a voz ou as mãos.

Apesar dessa mobilização, percebemos pouca atenção a grupos específicos, e um desses grupos é o dos surdos. Mas não podemos deixá-los de lado, afinal ainda enfrentam grandes problemas, na rua, no trabalho e em relação à informação, cujo acesso lhes é limitado.

De um modo geral, trazer à tona o assunto da acessibilidade é trazer uma reflexão a todos nós, com ou sem deficiência, mas com limitações como todo ser humano. Precisamos entender que, como já dito anteriormente, perante a lei somos todos iguais independente de nossas diferenças. Afinal, todos pagam seus impostos e são cobrados como cidadãos, está na hora de cobrarmos o direito e fazermos acontecer essa tão sonhada igualdade e respeito a todos.

3.1 E como anda a acessibilidade nos meios de comunicação?

Queremos aqui abordar a acessibilidade aos meios de comunicação, pois a todos é dado o direito à informação, logo, nos causa estranhamento que os meios não se empenhem totalmente em se adequar a essa realidade. Percebemos investimentos em tecnologia para melhorar a imagem, o som, o material impresso, mas ainda se vê pouco sendo feito para tornar esses meios acessíveis às pessoas com deficiências. É necessária uma mobilização para fazer com que a mídia fique ao alcance de todos. Afinal são milhares de pessoas com algum tipo de deficiência que as impedem de ter acesso a essa Comunicação, definida por Luiz C. Martino como “fenômeno restrito à dimensão humana e mediatizada por dispositivos técnicos (Holfeldt, Martino e França, 2001, p. 31). Logo, são esses dispositivos técnicos que devem ser acessíveis a todos

Temos como meios de comunicação os audiovisuais, ou seja, aqueles dotados de som e imagem, como a televisão e o cinema; temos também a internet, além do rádio, meio que se utiliza apenas do áudio e os impressos, que englobam jornal, cartaz, revista, livros, filipetas e afins.

Quando se trata de acessibilidade nos meios de comunicação temos um problema maior, pois além dessa acessibilidade da qual falávamos anteriormente, temos outro tipo de acessibilidade, pois, por uma infinidade de motivos, as classes mais baixas da sociedade não têm acesso pleno aos meios de comunicação. Um exemplo disso é a televisão digital, uma

novidade que está ainda sendo implantada, mas já sabemos que não atingirá a todos, pois os equipamentos são caros, inacessíveis a classes baixas. Percebemos assim, a imensa barreira que a comunicação precisa vencer para atingir toda a população.

Escolhemos os surdos para fazermos uma reflexão sobre os mesmos e seu acesso aos meios, pois esse é um dos grupos que mais tem dificuldade de acesso aos meios de comunicação; afinal esses meios utilizam som, imagem e escrita. E os surdos não têm acesso ao som, enquanto outros não têm um Português bem elaborado. É interessante citarmos que os meios audiovisuais, já pelo simples nome, nos mostram a limitação a essas pessoas: ora, áudio para quem não ouve e visual para quem não vê, torna-se um esforço inviável.

Adoro futebol! Mas tanto eu quanto outro surdo reclamamos dos programas de televisão. Os de esportes, políticos, jornais, filmes e novelas não possuem intérpretes, o que fica impossível participar da vida! Estamos vivendo em um mundo globalizado onde todas as pessoas precisam ter direitos iguais e oportunidades para crescer. Somos vistos como coitadinhos e só nos ajudam pensando em uma recompensa divina, mas sem se envolverem realmente em nossa causa. O surdo também precisa ir à escola, fazer parte do mundo, participar da vida em sociedade e não ficar somente em casa recebendo os cuidados básicos. (Eduardo José Pereira, 26 anos, Consultor Social, 2009, Fortaleza – CE)

Esse depoimento retirado do *site* consultor social, é de um surdo e mostra claramente a necessidade dessa comunidade em relação a ter uma televisão acessível, pois sente o seu direito de acesso à informação negado.

3.2 O acesso dos surdos na TV

Temos a lei normativa¹ que trata da acessibilidade na televisão a qual conceitua a questão e também define parâmetros para tornar as informações desse meio acessível, através de ferramentas e profissionais capacitados. É uma lei extensa e pode-se dizer completa, porém ainda não é seguida completamente, uma vez que, apesar de todas as atribuições que nela há, a fiscalização não é rígida, não havendo assim intensa cobrança para as redes de televisão cumprirem o que lhe é proposto.

¹ Veja a lei na íntegra no anexo número 1 deste memorial.

Existem também leis distritais sobre a acessibilidade, podemos citar a Lei nº2. 098 de 29 de setembro de 1998 do DF (Abreu, 2010), que institui a obrigatoriedade de inserção, nas peças publicitárias para veiculação em emissoras de televisão, da interpretação da mensagem em legenda e na língua brasileira de sinais – libras

Pelo menos leis que garantam acessibilidade à televisão nós já temos. O que falta é colocá-las em prática. Não precisamos pesquisar muito para saber como tornar uma televisão acessível, uma vez que a própria regulamentação já explica o que é necessário.

Já podemos ver com alguma frequência na TV, o uso de libras para indicar a classificação etária do programa a ser exibido e o uso do *closed caption* normalmente em novelas. Outro exemplo de televisão acessível trata-se do programa *Assim Vivemos*, o qual é transmitido pela TV Brasil e apresentando por duas pessoas, um ator surdo e uma jornalista cega. O programa é todo legendado e apresentado em libras, que é a Língua Brasileira de Sinais, provida de regras gramáticas próprias. Tem também o recurso de audiodescrição, destinado aos cegos. Nele são mostrados filmes e matérias sobre as várias deficiências e tudo que é ligado a pessoas com deficiência.

Em julho de 2008 a empresa Natura foi a primeira empresa a exibir um comercial totalmente acessível na televisão, apresentando o VT chamado *A História da Água*². Um comercial em que, além da acessibilidade para os surdos, também foi utilizado o recurso de acessibilidade aos cegos, a audiodescrição.

Em relação às ferramentas da acessibilidade dos surdos na televisão, como já foi citado anteriormente temos a legenda, a janela de libras e o *closed caption*. Sendo que não se tem um consenso de qual é melhor utilizar, pois alguns surdos não têm bom entendimento do português e outros já não sabem muito libras, por isso, talvez seja necessário que se utilize as ferramentas simultaneamente para uma verdadeira acessibilidade. Cabe ressaltar que a legenda e o *closed caption* são distintos, diferente do que muitos pensam. A legenda por si só é feita e editada já enquanto o programa televisivo é elaborado, existe toda uma preocupação estética, um planejamento na edição, já o *closed caption* é como se fosse uma tradução simultânea do que está sendo dito, no mesmo momento em que ocorre a cena, as falas, o *closed caption* as transcreve no rodapé da televisão, sendo que não há preocupação estética alguma, as frases são rápidas e na maioria das vezes aparecem com muitos erros.

Outro ponto importante a se falar é o fato de que, os programas que já se utilizam das ferramentas da Acessibilidade não os fazem bem, pois percebemos que essas ferramentas

²Caso deseje ver o vídeo acesse o link: <http://videolog.uol.com.br/video?id=393343>

ainda contêm muitas falhas. Para comprovarmos isso basta acionarmos a tecla *Closed Caption* do controle remoto de nossas televisões, iremos perceber a imensa falha que há, muitas falas são omissas, outras palavras são mostradas rápidas demais. Tornando a ferramenta inutilizável até mesmo pra quem tem o português como primeira língua. Já em relação a janela de libras, essa é pouco utilizada; as vemos mais em propagandas políticas e vez ou outra, mais precisamente na emissora Globo, quando é exibida a classificação etária de cada programa. Mas de acordo com nossa pesquisa, os surdos reclamam que, em alguns casos, os intérpretes não são qualificados e não traduzem corretamente as informações. Já o recurso da legenda apresenta outra sorte de problemas, em geral relacionados às letras, como tamanho, cor e estilo de fonte, o que algumas vezes dificulta a visualização.

4. MINHAS MEMÓRIAS

Neste capítulo quero falar um pouco sobre o processo de elaboração do projeto, as dificuldades, descobertas, surpresas e outros acontecimentos durante esse período.

Para falar do projeto, preciso falar primeiramente do primeiro semestre de 2008, quando fiz Metodologia da Pesquisa e escolhi fazer como projeto final um Catálogo de Mídias Alternativas; o projeto de pesquisa ficou pronto para ser utilizado no próximo semestre. Mas, no segundo semestre do mesmo ano, decidi não fazer Projeto Experimental 1. Foi também nesse semestre que fiz libras, onde ouvi falar sobre surdos e acessibilidade, com o professor Falk, que por sinal é surdo e com a professora Tuxi, que é intérprete.

Quando me matriculei na disciplina, confesso que imaginei que seria uma perda de tempo e muito tédio nas minhas noites de quinta-feira. Mas para minha surpresa as aulas foram maravilhosas, encantadoras, o professor Falk nos ensinava a parte prática e sempre nos deixava com gostinho de quero mais. A professora Tuxi nos ensinava a teoria, a história dos surdos e afins.

Para concluirmos a disciplina tínhamos que escolher um tema que fosse relacionado ao nosso curso e inserir a questão dos surdos. Foi aí que tudo começou.

O trabalho era em forma de seminário em grupo, mas acabou que fiz em dupla com a Cristiana Oliveira, outra aluna do curso de Comunicação. Decidimos falar sobre o Cinema, mais precisamente sobre o Festival de Cinema de Brasília, que em suas últimas edições contou com a acessibilidade para surdos e cegos. Fomos atrás de umas das organizadoras, gravamos uma entrevista e fizemos um vídeo bem caseiro sobre o tema, mas que fez com que nossa professora se emocionasse; foi muito prazeroso fazer esse trabalho. Pouco depois, fomos ao festival de cinema Assim Vivemos, onde todos os filmes tratam da questão de pessoas com deficiências. Fomos recebidas pela atriz e organizadora do festival, Graciela Pozzobon, que conversou conosco e me deixou mais encantada ainda com a causa da acessibilidade.

A partir daí, decidi que queria falar sobre acessibilidade em meu projeto de conclusão de curso. No 1º semestre de 2009, estava realmente confusa, porque já nem tinha uma proposta de tema para apresentar e definir quem iria me orientar. Na época, a professora Ana Beatriz era a coordenadora dos projetos de conclusão; então, em contato com ela, falei das dúvidas, dos dois projetos completamente distintos e acabamos descobrindo juntas que eu realmente queria falar sobre acessibilidade. Ela mesma se propôs a me orientar; eu não queria fazer monografia; pensei talvez algo com fotografia, mas não encontrei um jeito de mostrar a

questão da acessibilidade na imagem estática. Foi então que optamos pelo vídeo. Decidimos que seria um vídeo sem muita produção, algo simples em que o mais importante seria o tema.

A princípio, eu com minhas dúvidas, sem decidir de que acessibilidade queria falar defini como tema a acessibilidade de surdos e cegos na internet e na televisão, um tema gigante; hoje vejo que seria impossível essa generalização. Com a parte teórica já bem adiantada e a primeira versão do roteiro pronta, tive a banca de qualificação, a qual foi de suma importância para mim. Com a colaboração da professora Angélica e do professor Paulo Marcelo, pude definir melhor o tema para o próximo semestre.

Na disciplina de projeto 2, a professora Ana Beatriz saiu da Universidade e a professora Cynthia Rosa assumiu a orientação. Daí, delimitamos o tema: Acessibilidade dos Surdos na Televisão, algo já sugerido pela banca 1. Durante o primeiro semestre de 2010, continuei com as pesquisas teóricas, organização do roteiro e tive contato com várias pessoas ligadas ao tema; descobri um site de relacionamento só de Surdos, no qual me inscrevi como ouvinte e fui muito bem recebida. Muitos surdos gostaram do meu projeto, comentaram sobre a questão, tive contato também com outros surdos, indicada pela mesma organizadora que colaborou com meu trabalho na disciplina de libras; esses até se propuseram a responder algumas perguntas que elaborei sobre o tema. As respostas não foram anexadas ao memorial por serem poucas, mas me foram úteis para saber como os surdos se sentem em relação à problemática.

Este era para ser o semestre de conclusão do projeto e da minha vida acadêmica, mas acabou que a parte prática, gravação e edição do vídeo, ficaram com pouco tempo para execução. Como não seria o suficiente, desisti de concluir por achar que não basta apenas adquirir um diploma, é preciso que seja com qualidade. Sendo assim, esse semestre retornei o projeto, agora mais focada na elaboração do vídeo, que por sinal não foi fácil. Tive todo o semestre, mas como sempre foi uma correria no fim do período, pois fiquei três meses para conseguir marcar com o grupo Surdodum e gravar com eles.

No dia que consegui gravar, fui avisada menos de 24 horas antes; então não consegui equipamento do CRTV e nem tive tempo hábil de conseguir qualquer outro equipamento melhor que minha querida câmera digital. E foi com ela, numa quarta-feira à noite, embaixo de um bar na Asa Norte, que gravei com o Surdodum. O áudio ficou totalmente inutilizado graças à algazarra dos frequentadores do bar; a iluminação era péssima, uma única lâmpada fluorescente. Mas tirando a parte técnica, o conteúdo das falas foi de suma importância para o documentário.

Não posso deixar de falar sobre o Edmarcius Carvalho, autor do livro *Surdos*, que trata sobre os surdos e a legislação. Soube do livro pesquisando na internet, comprei e me foi muito útil. Mas não bastava; eu precisava do depoimento de alguém da área legislativa. Cheguei a ir à direção do curso de Direito e me informaram que tinha um professor que era especialista na questão das leis sobre pessoas com deficiência. Quem me atendeu não quis me passar os contatos; apenas me disse o dia que esse professor dava aula. Porém, não tive êxito, não consegui encontrá-lo e achei melhor procurar outra pessoa. Foi quando, folheando o livro do Edmarcius, vi seu email na contracapa e resolvi enviar uma mensagem. Dias depois obtive uma resposta positiva, na qual ele se dispunha a colaborar. Então, enviei as questões a serem discutidas e, de volta, recebi seu depoimento gravado em uma web cam. Mais uma vez a qualidade do vídeo não foi profissional, mas o conteúdo, de muito valor.

De um modo geral, tive muitas dificuldades, principalmente no fato de ter que depender de outras pessoas. Porém, mais que dificuldades, desespero e ansiedade o aprendizado foi bem maior. Aprendi muito sobre o tema e também sobre a vida posso assim dizer, pois percebi que muitas pessoas estão dispostas a colaborar com o próximo; o mundo não é tão egoísta. Descobri muitas pessoas dispostas a colocar o tema em evidencia, pois, de todos os contatos que fiz, seja em sites de relacionamentos, na universidade e em grupos diversos, grande parte se propôs a colaborar de alguma forma e por menor que fosse a colaboração, foi de grande valia.

Se no semestre anterior eu estava muito mais preocupada com a nota que a banca iria dar ao meu trabalho, hoje não é o que mais importa para mim. Claro que sempre esperamos a menção maior possível, mas diante do que aprendi nesse período, não existe nota que possa pagar. Certamente o meu interesse pelo assunto não vai acabar no dia da minha banca, ao contrário: foi apenas o ponto de partida e pretendo continuar colaborando com a comunidade surda.

Se a maioria dos alunos escolhe o tema dos seus projetos baseado em assuntos que tem paixão, comigo aconteceu o inverso, escolhi o tema que para mim era novidade, conhecia pouco e achei interessante e, ao desenvolver o trabalho, fui me apaixonando. Portanto, me sinto pronta para sair da universidade, pois tenho certeza de que não foi uma profissional de comunicação que foi formada em mim tão somente. Foi um ser humano melhor, que quer utilizar as ferramentas de trabalho não só para ganhar dinheiro, fama ou prestígio, mas também para fazer algo extremamente útil para a sociedade.

O resultado dessa experiência você pode ver no vídeo que acompanha este memorial e na página 38 está em anexo o roteiro do documentário.

ENTÃO...

”Os profissionais de mídia podem ajudar a formar uma imagem positiva, humana, da pessoa com deficiência através de mensagens edificantes verbal e visualmente”

Fletcher

A intenção desse projeto é a de simplesmente, como dito antes, levar a discussão do assunto para a sociedade de um modo geral. Acreditamos que iniciativas como essas são de grande importância para a comunidade surda, que necessita de apoio.

Com o desenvolvimento desse projeto pudemos comprovar o quanto é importante essa interação da televisão e dos surdos, uma vez que essa parte da população brasileira, assim como as demais pessoas com deficiência, sentem a necessidade de estarem informadas.

Acreditamos que o nosso objetivo foi alcançado, pois não tínhamos como propósito tomar partido de um lado ou de outro. Pelo contrário, a intenção foi trazer a reflexão sobre o assunto para as pessoas de um modo geral, e procuramos fazer isso buscando informações das diversas áreas envolvidas e de depoimentos de representantes dessas áreas. Percebemos que ainda se sabe pouco sobre a questão da acessibilidade, assim também sobre a comunidade surda; as pessoas que não têm parentes ou amigos surdos, em sua maioria não sabem sequer as nomenclaturas corretas para se designar essas pessoas. E isso ocorre entre pessoas de todos os níveis, sendo assim de fundamental importância iniciativas para trazer o tema para o dia-a-dia de produtores e do público.

Percebemos que a omissão sobre o tema também se dá na graduação dos comunicadores, ainda não existe uma clara preocupação com o tema. Embora existam, sim, algumas iniciativas, mas ainda não é o suficiente para resolver o problema. Precisamos nos conscientizar de que o tema acessibilidade precisa ser levantado já e principalmente nas escolas de Comunicação, pois quando esses novos comunicadores forem para o mercado de trabalho, já estarão conscientes da necessidade de fazermos uma comunicação acessível. Afinal, se temos que falar com todos, precisamos nos adaptar às particularidades dos indivíduos, inclusive os deficientes.

O assunto precisa deixar de ser preocupação de apenas alguns, é necessário estarmos todos conscientes da urgência da discussão. Não basta apenas as universidades ensinarem libras, o tema da acessibilidade não tem que estar atrelado a um único semestre, uma só disciplina. É sim um ótimo começo, mas não é o suficiente para preparar profissionais para

lidar com essa realidade. Precisamos ver a acessibilidade como parte do fazer Comunicação. Se temos uma lei que diz que todos são iguais e têm direito igual à informação, é normal pensar em meios de comunicação sempre acessíveis.

Embora percebamos essa tímida iniciativa das universidades, pudemos perceber, através de nossa pesquisa para esse trabalho, a iniciativa de alunos que, seja qual for o motivo, decidiram buscar o tema da acessibilidade, da deficiência e levá-los para sua vida acadêmica. Já existem alguns projetos finais sobre a questão e isso nos faz, mais uma vez, acreditar que devemos utilizar todos os meios possíveis e divulgar a questão. Que esses projetos saiam do arquivo das universidades e ganhem as ruas e as mídias para que sejam realmente úteis.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antonio Campos. **Legislação.** *In*

<http://trabalhoprosurdo.vilabol.uol.com.br/legislacao.htm>; acessado em 04/05/2010.

AMSTEL Frederick Van. **Designer: acessibilidade é bom pra você também.** 03 de set de 2008. *In* <http://imasters.uol.com.br/artigo/9901/acessibilidade>; acessado em 07/10/09.

BRASIL. **Lei N.º 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *In*

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm; acessado em 07/10/09.

_____. **Decreto 5.296**, de 02 de Dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n^{os} 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *In* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm ; acessado em 07/10/09.

_____. **DOU Nº 122**, quarta-feira, 28 de junho de 2006. Esta Norma tem por objetivo complementar as disposições relativas ao serviço de radiodifusão de sons e imagens e ao serviço de retransmissão de televisão, ancilar ao serviço de radiodifusão de sons e imagens, visando tornar a programação transmitida ou retransmitida acessível para pessoas com deficiência, conforme disposto na Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000 e no Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004, alterado pelo Decreto no 5.645, de 28 de dezembro de 2005. *In*

<http://acessibilidade.sigaessaideia.org.br/media/1/20060703PORTARIA%20MC%20310%2006%20ACESSIBILIDADE%20NA%20RADIODIFUSAO.doc>; acessado em 07/10/09.

CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício. **Comunicação e Televisão.** São Paulo: Hacker, 2004.

CENSO DEMOGRAFICO 2000. **Deficiência.** *In*

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm>; acessado em 20/10/09.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CONSULTOR SOCIAL. **Surdo cidadão.** *In*

http://www.consultorsocial.com.br/portal/inde+x.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=54&lang=br; acessado em 12/10/2009.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DELUCA, Cristina. **Brasil tem 7, 623 milhões de domicílios com TV por assinatura.** 24 de fev 2010. *In* <http://idgnow.uol.com.br/telecom/2010/02/24/brasil-tem-7-623-milhoes-de-domicilios-com-tv-por-assinatura>; acessado em 03/10/10.

DORIA, Francisco Antônio; DORIA, Pedro. **Comunicação: dos fundamentos à internet**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

DUARTE, Guilherme Luiz. **É pagar para ver: a TV por assinatura em foco**. São Paulo: Summus, 1996.

FLETCHER, Agnes. **Ideias praticas em apoio ao Dia internacional das pessoas com deficiência**: 3 de dezembro. Tradução por: Romeu Kazumi Sassaki. São Paulo: Prodef/Apade, 1996.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRUPO ACESSIBILIDADE BRASIL. **O que é acessibilidade?** *In* <http://www.acessobrasil.org.br/index.php?itemid=45>; acessado em 06/10/09.

GUGEL, Maria A. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. *In* http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php; acessado em 22/05/10.

HOLANDA, A. B. **Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

HOLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001

LEONE Eduardo; DORA, Maria. **Cinema e montagem**. São Paulo: Ática, 1993.

MAGIA COMUNICAÇÕES. **Anos 80 - a história da TV brasileira**. *In* <http://www.tudosobrevt.com.br>; acessado em 04/10/09.

MEISTER, Ericson. **Conceito de serviço de televisão**. *In* <http://tvdigitaladv.blogspot.com/2008/01/conceito-de-servio-de-televiso.html>; acessado em 02/05/2010.

MLOG. **TV versus Internet**. *In* <http://mlonlinegeneration.wordpress.com/2008/08/14/tv-versus-internet>; acessado em 07/10/09.

NATURA. **Vídeo comercial Natura naturé**. *In* <http://videolog.uol.com.br/video?id=393343>; acessado em 03/10/09.

NERI, Marcelo. **Retratos da deficiência no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Surdos: educação, direito e cidadania**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

PREFEITURA DE LOUSA. Cidade de Portugal. **Conceito de Acessibilidade**. *In* <http://www.cm-lousa.pt/provedoria/conceito.htm>; acessado em 24/09/2009.

QUEIROZ, Marcos. **Como designar pessoas que têm deficiência?** *In* <http://www.bengalalegal.com/pessoas-com-deficiencia.php>; acessado em 10/05/10.

RABELLO, Klaus Denecke. **O potencial viral de se oferecer acessibilidade.** *In* <http://webinsider.uol.com.br/index.php/2009/06/07/o-potencial-viral-de-se-oferecer-acessibilidade>; acessado em 01/10/09.

REVISTA MEIO E MENSAGEM. **Surgimento da TV paga no início dos anos 90.** *In* http://www.meioemensagem.com.br/fatosmarcantes30anos/fato_interno.jsp?ID=163; acessado em 05/10/09.

SÀ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: Edit. UFA, 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão - construindo uma sociedade para todos.** 7 ed. Rio de Janeiro: Wva, 1997.

SCORSIM, Ericson Mesiter. **Conceito de serviço de televisão.** *In* <http://tvdigitaladv.blogspot.com/2008/01/conceito-de-servio-de-televiso.html>; acessado em 02/05/2010.

VINÍCIUS, Sérgio. **Conheça o perfil dos assinantes de TV paga.** *In* <http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/2009/02/13/ult4213u649.jhtm>; acessado em 13/10/2009.

WIKIPEDIA. **Acessibilidade.** *In* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Acessibilidade>; acessado em 02/10/09.

ANEXO 1 – NORMA COMPLEMENTAR Nº 01 /2006

Recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão.

OBJETIVO

Esta Norma tem por objetivo complementar as disposições relativas ao serviço de radiodifusão de sons e imagens e ao serviço de retransmissão de televisão, ancilar ao serviço de radiodifusão de sons e imagens, visando tornar a programação transmitida ou retransmitida acessível para pessoas com deficiência, conforme disposto na Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000 e no Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004, alterado pelo Decreto no 5.645, de 28 de dezembro de 2005.

(...)

DEFINIÇÕES

Para os efeitos desta Norma, devem ser consideradas as seguintes definições:

3.1 acessibilidade: é a condição para utilização, com segurança e autonomia, dos serviços, dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência auditiva, visual ou intelectual.

3.2. Legenda Oculta: corresponde a transcrição, em língua portuguesa, dos diálogos, efeitos sonoros, sons do ambiente e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência auditiva.

3.3. Áudio-descrição: corresponde a uma locução, em língua portuguesa, sobreposta ao som original do programa, destinada a descrever imagens, sons, textos e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência visual.

3.4. Dublagem: tradução de programa originalmente falado em língua estrangeira, com a substituição da locução original por falas em língua portuguesa, sincronizadas no tempo, entonação, movimento dos lábios dos personagens em cena, etc. (NBR 15290).

3.5. Campanhas institucionais - campanhas educativas e culturais destinadas à divulgação dos direitos e deveres do cidadão.

3.6. Informativos de utilidade pública - qualquer informação que tenha a finalidade de proteger a vida, a saúde, a segurança e a propriedade.

3.7. Janela de LIBRAS: espaço delimitado no vídeo onde as informações são interpretadas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

ABRANGÊNCIA

4.1. Ficam sujeitas ao cumprimento do disposto nesta Norma as pessoas jurídicas que detenham concessão ou permissão ou para explorar o serviço de radiodifusão de sons e imagens e as pessoas jurídicas que detenham permissão ou autorização para explorar o serviço de retransmissão de televisão, ancilar ao serviço de radiodifusão de sons e imagens.

4.2. Inclui-se na obrigatoriedade de cumprimento do disposto nesta Norma as pessoas jurídicas referidas no subitem 4.1. Que transmitirem ou retransmitirem programação que, mesmo tendo sido produzida em outros países, seja editada, traduzida ou sofra qualquer adaptação considerada necessária para sua transmissão ou retransmissão com boa qualidade de percepção e compreensão pelo público brasileiro.

RECURSOS DE ACESSIBILIDADE 5.1 A programação veiculada pelas estações transmissoras ou retransmissoras dos serviços de radiodifusão de sons e imagens deverá conter:

a) Legenda Oculta, em língua Portuguesa, devendo ser transmitida através da linha 21 do Intervalo de Apagamento Vertical (VBI);

b) Audiodescrição, em língua Portuguesa, devendo ser transmitida através do Programa Secundário de Áudio (SAP), sempre que o programa for exclusivamente falado em Português; e

c) Dublagem, em língua Portuguesa, dos programas veiculados em língua estrangeira, no todo ou em parte, devendo ser transmitida através do Programa Secundário de Áudio (SAP) juntamente com a audiodescrição definida na alínea b, de modo a permitir a compreensão dos diálogos e conteúdos audiovisuais por pessoas com deficiência visual e pessoas que não consigam ou não tenham fluência para leitura das legendas de tradução.

5.2 A programação de caráter oficial deverá ser veiculada pelas pessoas jurídicas que detenham concessão para explorar o serviço de radiodifusão de sons e imagens e as pessoas jurídicas que detenham permissão ou autorização para explorar ou executar o serviço de retransmissão de televisão, ancilar ao serviço de radiodifusão de sons e imagens, de acordo com a Instrução Normativa no 1, de 2 de dezembro de 2005, da Secretaria Geral da Presidência da República.

5.3 Os programas que compõem a propaganda político-partidária e eleitoral, bem assim campanhas institucionais e informativos de utilidade pública veiculados pelas pessoas jurídicas concessionárias do serviço de radiodifusão de sons e imagem, bem como as pessoas jurídicas que possuem permissão ou autorização para executar o serviço de retransmissão de televisão, deverão conter janela com intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), cuja

produção e ou gravação ficarão ao encargo e sob a responsabilidade dos Partidos Políticos e ou dos respectivos Órgãos de Governo aos quais se vinculem os referidos programas, sem prejuízo do cumprimento do disposto no subitem 5.1.

5.4 Sem prejuízo do cumprimento do disposto no subitem 5.1, o projeto de desenvolvimento e implementação da televisão digital no Brasil deverá:

5.4.1 permitir o acionamento opcional da janela com intérprete de LIBRAS, para os espectadores que necessitarem deste recurso, de modo a possibilitar sua veiculação em toda a programação;

5.4.2. Permitir a inserção de locução, em Português, destinada a possibilitar que pessoas com deficiência visual e pessoas com deficiência intelectual selecionem as opções desejadas em menus e demais recursos interativos, com autonomia. (...) “³

ANEXO 2 - O DOCUMENTÁRIO

Agora que já sabemos do que se trata o tema, apresentamos abaixo o roteiro a partir do qual a obra foi produzida.

ROTEIRO

Imagem	Áudio
*legenda em todo o vídeo	
<p>Off:</p> <p>Grupo surdodum se apresentando, música animada, em que os movimentos sejam significativamente notados.</p> <p>Imagem do grupo Surdodum congelada.</p> <p>Imagens de pessoas surdas, símbolos da acessibilidade e pessoas com deficiência</p> <p>Logo quando o áudio fala a palavra “surdos”, a mesma aparece no meio da tela com letras grandes a frente da imagem congelada</p> <p>Quando o áudio disser a palavra “trata-se”, aparece lentamente l a palavra “acessibilidade”</p>	<p>Locutor em off 01</p> <p>Imaginem se todos os produtos audiovisuais fossem feitos em uma linguagem desconhecida por nós. Pois existe uma parcela da população brasileira que enfrenta esse problema.</p> <p>São os surdos, que não podem acompanhar um filme ou novela, pois não tem acesso as músicas e as falas. Mas essa falta de acesso tem solução basta colocar em prática a definição de uma palavra que está na moda hoje em dia e que muitos não sabem o que é</p> <p>Trata-se da acessibilidade.</p>

<p>Off</p> <p>Imagens fotográficas dinamizadas:</p> <p>Símbolo da acessibilidade, calçada acessível, rampas, ônibus adaptado para pessoas com deficiência, pessoas com muleta, cadeira de roda e mulher com bebê no colo, TV, rádio, computador por fim o número da lei aparece na tela inteira</p> <p>Legenda com letras grandes: LEI 10.098</p>	<p>Locutor em Off: 02</p> <p>Segundo a lei federal de número 10.098 de 19 de dezembro de 2000, acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida para utilização dos espaços mobiliários e equipamentos urbanos. O que inclui edificações, transportes, sistemas e meios de comunicação, e tudo isso com segurança e autonomia.</p>
<p>Cenário interno</p> <p>Edmarcius falando sobre a lei 10.098</p> <p>Depoimento gravado por web cam</p>	<p>Povo fala:</p> <p>“Essa lei é uma lei geral que vai tratar do tema da acessibilidade em todos os seus aspectos, então nós temos requisitos da acessibilidade arquitetônica, da acessibilidade urbanística e da acessibilidade nos transportes coletivos e também acessibilidade comunicativa que envolve a questão de adaptar os meios de comunicação para que as pessoas surdas ou com dificuldade de audição possam ter acesso as informações dos conteúdos apresentados.”</p>
<p>Outra cena do grupo Surdodum tocando o instrumento de percussão</p>	<p>Silêncio total.</p>
<p>Cenário interno/ Estúdio</p> <p>Professor Paulo Marcelo</p> <p>Falando sobre o que significa a</p>	<p>Povo Fala:</p> <p>“A televisão no Brasil tem a importância que ela conquistou no mundo inteiro, primeiro é um meio de comunicação</p>

<p>televisão no Brasil</p>	<p>de massa que agrega outras linguagens, o cinema, trouxe a música, trouxe o rádio. Ela é como um rio caudaloso como dizia Décio Pignatari, um pesquisador brasileiro de televisão, pois agrega uma série de afluentes, todas as demais mídias são afluentes da televisão e no Brasil ela conquistou grande penetração porque somos um país muito grande, um território imenso. E a televisão por conta de uma estratégia de governo, no período do governo militar, houve um esforço de levar o sinal de televisão para o país inteiro, agente chega com um bom sinal de televisão em todos os locais do território, hoje a previsão das pesquisas é que a televisão esteja presente em 97% dos lares brasileiros. E ela só perde para o rádio, ganha até da geladeira.”</p>
<p>Cenário interno/ Estúdio</p> <p>Professor Paulo Marcelo falando sobre a importância da televisão no Brasil</p>	<p>Fala:</p> <p>E porque ela é tão importante? Primeiro pela nossa diversidade, você tem o acesso a outras culturas, você consegue perceber outras culturas, outras partes do Brasil. Hoje nós temos uma programação centrada no Rio de Janeiro e em São Paulo, que é percebida pelo Brasil todo, evidentemente o fato dessa programação está centrada não é uma coisa muito boa, porque o brasileiro acaba não vendo toda diversidade cultural do país na sua televisão. Outro fator importante é que o brasileiro, por conta de nossas diferenças, distâncias e desigualdades</p>

	<p>vivemos em grandes e pequenas cidades, regiões rurais extensas. O brasileiro não tem muito acesso ao entretenimento, então a televisão é hoje uma forma de lazer de muitas famílias é por meio delas que se tem a rotina de acompanhar algumas atividades culturais, shows de músicas, entretenimento, as novelas e principalmente a informação, é por meio dela que muitos dos brasileiros, a maioria se informa.</p>
Cena Surdodum.	Silencio Total:
<p>Cenário interno/noite</p> <p>Três integrantes surdos da Banda Surdodum dando depoimento sobre as dificuldades que enfrentam para ter acesso aos conteúdos da televisão.</p> <p>Os mesmos “falam”por meio da Libras</p> <p>Povo fala:</p> <p>Surdo 01</p> <p>“É importante ter sempre legenda.</p> <p>É importante libras, mas é muito pequeno o canto do intérprete, não dá para visualizar precisa aumentar o tamanho.</p> <p>Vale a pena ter a legenda e libras porque</p>	Sem áudio

tendo os dois a pessoa pode escolher o que quer.

Exemplo: surdo oralizado não vê libras só a legenda.

Se tiver as duas é melhor.”

Surdo 02

“Libras ou legenda, depende do intérprete, às vezes a pessoa está falando e o intérprete traduzindo, mas ele para de traduzir confuso sente que errou. Tem que ser rápido.

Na libras precisa combinar a libras com o que está sendo falado. Não dá para parar e esperar, precisa combinar a libras com o que esta sendo falado depois fica difícil acompanhar.”

Surdo 01

“O lugar da janela do intérprete está bom no lado direito, só precisa aumentar o tamanho, não têm como ver.

Precisa de lupa para olhar.”

Surdo 03

“Uma pessoa esta sendo entrevistada, por exemplo, o presidente, logo aparece o nome dele e a legenda que estava na frente vai para trás e não dá para ver nada. O certo

<p>seria trocar, colocar o nome do entrevistado em cima e a legenda embaixo ou vice-versa.”</p>	
<p>Surdodum se apresentando</p>	<p>Silêncio total</p>
<p>Off: Imagens fotográficas e vídeos...</p> <p>Primeira imagem fotográfica que demonstre o ato da “caridade” , (ALGUEM DANDO ESMOLA),</p> <p>Pessoas assistindo TV, surdos em diversas situações , vídeo pequenos de surdos em “mosaico”</p>	<p>Locutor em off 03</p> <p>Ao falarmos de acessibilidade pode vir à mente a idéia de caridade ao próximo.</p> <p>Mas se refletimos um pouco, vemos que tornar os meios de comunicação acessíveis não é uma questão de caridade, e sim cidadania. Ora, surdos são pessoas que assim como os outros, pagam impostos, trabalham e consomem produtos e serviços.</p> <p>Acessibilidade significa, portanto</p>

	<p>colocar em prática os direitos iguais, tornando o direito à informação dos meios possível e fazendo com que exerçamos nossa cidadania quando somos os responsáveis por tornar esses meios acessíveis.</p> <p>O benefício da acessibilidade atinge a todos os envolvidos e não só aos surdos.</p>
<p>Cenário interno</p> <p>Três integrantes surdos da Banda Surdodum dando depoimento sobre as dificuldades que enfrentam para ter acesso aos conteúdos da televisão.</p> <p>Depoimento Surdo</p> <p>Surdo 01</p> <p>Exemplo da dengue, legenda muito pequena, também tem que aumentar.</p> <p>Surdo 02</p> <p>Eu gosto sempre de assistir televisão à tarde, mais ou menos as 2 ou 3 da tarde e nada de legenda, desligo deixo para lá porque não entendo nada.</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>Cenário interno/ Estúdio</p> <p>Professora Sheyla costa</p> <p>Falando sobre a forma que a questão da Acessibilidade é tratada pelos profissionais e estudiosos da comunicação</p>	<p>Fala:</p> <p>De uma forma geral, eu vejo que a acessibilidade na televisão, assim como no rádio, em outdoor, nos meios de comunicação em geral, é vista como uma questão mínima, porque como estamos trabalhando com o conceito de comunicação de massa com o grande público, as pessoas que saem desse</p>

	<p>padrão não ficam visíveis. É preciso mexer muito nessa questão de ver quem vai receber essa informação e se é opção nossa deixar essas pessoas de lado, porque a gente sabe que nossas condições atuais estão propiciando cada vez mais que apareçam pessoas com necessidades especiais, que não consegue andar, não consegue ver, que ensurdeceu por algum motivo genético, ambientais, poluição, acidente. Tudo isso vem acontecendo com muita frequência, então vai ter que ser realmente repensado isso, se é nossa opção deixar essas pessoas fora do círculo informacional que foi criado sem percebê-las como possíveis usuários ou se a gente agora quer encarar o desafio de vencer essa dificuldade de contato</p>
<p>Cenário Interno/ Estúdio</p> <p>Paulo Marcelo falando sobre os problemas que impedem a acessibilidade na televisão</p>	<p>Fala:</p> <p>Um problema sério no tocante a televisão, que merece a nossa atenção é a questão, primeiro que há um domínio da televisão comercial, no seu modelo clássico, aquela televisão, emissora aberta que produz e veicula os programas e vende produtos, têm os comerciais, ela comercializa seus intervalos, vive disso, essa televisão visa lucros quer audiência a qualquer custo, concorre com as demais. Esse modelo de financiamento vai sempre prestigiar aquilo que dá mais lucro, não podemos esperar dessa televisão uma acessibilidade maior, pois ela promove</p>

	<p>entretenimento, leva informação, faz muita coisa de qualidade para o público, mas não vai ter esse compromisso maior com a questão da acessibilidade.</p>
Surdodum	Transição:
<p>Off</p> <p>A medida que o locutor for falando das ferramentas da acessibilidade, aparece um vídeo com as mesmas.</p>	<p>Locutor em off 04</p> <p>É possível deixar a televisão acessível aos surdos, pois as ferramentas existem.</p> <p>São elas a legenda, que é a transcrição do que estou dizendo, aí embaixo essas palavras organizadas, retinhas. Que normalmente são feitas antes de irem ao ar.</p> <p>Temos também o <i>Closed Caption</i>, que é uma espécie de legenda, só que diferente da primeira, as falas são transcritas na mesma hora em que estão sendo ditas, o sistema transcreve e não existe uma preocupação com a estética, por isso que você vê muitas linhas, espaços exagerados e afins; essa ferramenta é acessada através de um botão no controle remoto, chamado CC.</p> <p>Já a Libras, é uma pequena janela no monitor, com um intérprete de libras, apresentando o mesmo programa na língua oficial dos surdos, como você pode ver neste</p>

	exemplo.
<p>Ambiente interno/ Estúdio</p> <p>Paulo Marcelo falando sobre a questão técnica da acessibilidade na TV</p>	<p>Fala:</p> <p>Quando você fala da televisão, existe a questão da limitação técnica, também há que se considerar isso. A televisão pode muito, mas não pode tudo, no entanto hoje com o processo de digitalização, muitas ferramentas. Esse processo digital agrega muitas ferramentas à televisão, abre muitas possibilidades, então uma televisão agora inserida numa rede mundial de computadores podendo interagir, vai oferecer ferramentas que ainda não são disponíveis, mas traz esperança para a televisão do futuro.</p>
<p>Cenário interno/ Estúdio</p> <p>Sheyla Costa falando sobre o que precisam fazer os profissionais de Comunicação para tornar a acessibilidade real</p>	<p>Fala:</p> <p>Primeiramente seria necessário nós pensarmos nesses nichos, o que o nicho do surdo precisa, o que o nicho do cego precisa, o que o deficiente mental precisa, que tipo de informação ele pode absorver, como é que isso seria disponibilizado para ele, e fazer uma adaptação com todo arcabouço que o comunicador tem a disposição dele, são câmeras, aparelhos de rádio e televisão, antenas transmissoras. Mas isso não está atendendo as necessidades específicas, então vejo que é um momento de repensarmos tanto a prática quanto filosofia, quanto a tecnologia que suporta essas ações.</p> <p>Não é um trabalho exclusivo do comunicador</p>

	<p>social, mas hoje nós precisamos de uma equipe multidisciplinar para fazer frente a esses desafios, a equipe de tecnologia, por exemplo, nos daria oportunidade de criar artefatos que pudessem trazer esse caminho de comunicação um pouco mais fácil.</p>
<p>Cenário interno/ estúdio</p> <p>Paulo Marcelo fala sobre a cobrança da sociedade para que o tema seja tratado</p>	<p>Fala:</p> <p>Com relação à questão da acessibilidade nós temos que lembrar o seguinte, a 20 anos atrás o Brasil não tinha uma legislação que protegesse o idoso por exemplo, não tínhamos o estatuto da criança e do adolescente que protege os jovens e as crianças, entendeu? Não tínhamos a lei da acessibilidade, que acontece é que a sociedade agora está privilegiando esses temas, resgatando dívidas sociais grandes e a televisão não pode ficar a parte desse processo, muito breve essa televisão por exigência da sociedade, porque ela não vai fazer isso gratuitamente, não é porque ela é boazinha, vai fazer porque é exigência da sociedade, tem que perceber que muitas pessoas, milhões delas, tem que está inserida na atual sociedade moderna e vai sim abrir espaço para essas pessoas poderem receber bem essas mensagens, utilizando novas tecnologias e poderem participar desse processo de produção e essas pessoas serão ouvidas e percebidas e poderão de forma efetiva contribuir com o meio de comunicação</p>

	de massa: a televisão.
<p>Cenário interno/ Edmarcius fala sobre a contribuição da área legislativa para a questão da acessibilidade</p>	<p>Fala: O que falta na verdade é um maior comprometimento com os próprios surdos, a partir de associações de surdos, seguimentos sociais articulados para que isso seja posto em prática, nem que para isso, sejam feitos acordos de ajustamento de conduta, envolvendo atores sociais com o ministério público, o poder judiciário para que os canais de televisão possam cumprir essa legislação que é perfeita porem não é posta em prática infelizmente.</p>
Surdodum	Silêncio.
<p>Off Mosaico de imagens de associações, logomarca do governo federal e surdos conversando em Libras. Entre as imagens a seguinte frase: Acessibilidade responsabilidade de</p>	<p>Locutor em off 05 Cabe a todos nós – cidadãos, governo, emissoras, profissionais da área – sermos conscientes da necessidade de utilização de políticas de acessibilidade, que incluam aquisição das ferramentas e formação profissional, para levar comunicação de boa qualidade a um maior número de pessoas. Aos telespectadores cabe divulgar o</p>

<p>todo e qualquer cidadão.</p>	<p>assunto boca-a-boca, falar com o vizinho, o parente, o amigo, enfim com todos ao redor, fazendo assim com que o tema da acessibilidade e sua problemática se tornem conhecidos por todos.</p> <p>Essa simples tarefa tem fundamental importância para que os meios se tornem acessíveis rapidamente. Afinal estando telespectadores, comunicadores e anunciantes conscientes, a chance da acessibilidade ser real e completa será bem maior.</p>
<p>O grupo surdodum apresenta uma música</p>	<p>Som do Surdodum</p>
<p>Créditos sobre ao lado da imagem anterior.</p>	<p>Ao som da música que está sendo entoada.</p>